

Isto não é só roupa e sapatos

Primeiro, a série que mudou o discurso mediático sobre a o retrato nada unânime que "Sexo e a Cidade" faz das

"O grande valor dela está no Mr. Big - o chamado Onofre, que desaparece e reaparece - e nos namorados: fez a galeria completa de todos os namorados que as mulheres apanharam"

Clara Ferreira Alves

"É capaz de ser a mais interessante, porque expressa, de uma forma bastante afirmativa, muitas das estratégias, hesitações das mulheres cosmopolitas nas sociedades urbanas ocidentais. É talvez aquela que pode surpreender mais uma parte da consciência masculina ocidental"

António Costa Pinto

"A Carrie é a personificação de um pesadelo para os homens: a mulher que não só analisa TUDO o que se passa numa relação, como ainda o escreve para outros lerem. Não admira que tenham tido que fazer um filme de propósito para ela se conseguir casar. Se é que se casa mesmo, ainda não vi a fita"

Zé Diogo Quintela

"Gosto da tenacidade dela, do facto de ser uma mulher livre mas não libertina no sentido tradicional do termo e da sua disponibilidade para a vida e para a mudança"

Celeste Correia

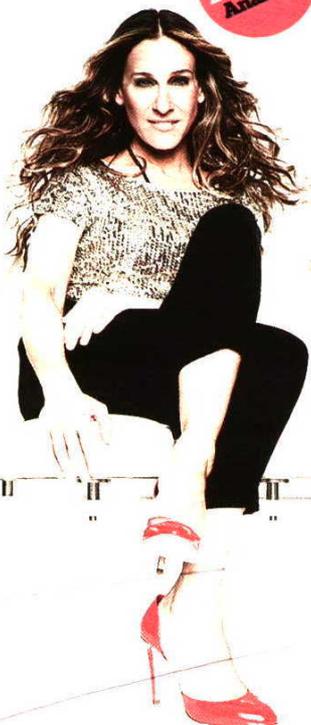
"Escreve, aborda os temas de forma pessoal e ela própria às vezes tem que se revoltar contra aquilo que escreveu! [Gosto dela] pelas angústias e revoltas e tentativas de chegar às pessoas pelo que escreve"

Bárbara Guimarães

"É a nova-iorquina tipo, culta... É uma espécie de Woody Allen dos anos 90 com mais bom gosto"

António Pinto Ribeiro

Carrie Bradshaw Analítica



Miranda Hobbes Clássica



"É a mais fria e acaba por ser muito conservadora, não alinha no que a Carrie e a Samantha fazem. Gosto da atitude dela e tem imenso humor"

Bárbara Guimarães

"É a profissional, com um bebé - independente, ligeiramente céptica das fantasias daquela que se julga uma princesinha [Charlotte]"

Clara Ferreira Alves

"Acho um bocadinho mais fria, mais cerebral"

Celeste Correia

"Talvez seja a que goste menos: tem aquele ar um bocadinho enfadado, corresponde a outro modelo, o do advogado das séries de televisão americanas, que acho um bocadinho irritante"

António Pinto Ribeiro

"A Miranda tem mau feitio, o que se explica pelo facto de dever ser a que tem mais relações sexuais delas todas e isso não corresponde à realidade. Num grupo de 4 raparigas, se 3 delas são giras, a mais feia é a que se vai safar mais vezes.

Imagino que em NY, com a concorrência, seja ainda mais verdade"

Zé Diogo Quintela

sexualidade feminina. Agora, o filme volta pôr em evidência mulheres. Feminista ou sexista? Joana Amaral Cardoso

"A Samantha é como todas as mulheres deviam ser. Menos as nossas mães, claro" Zé Diogo Quintela

"É a que gosto mais. Corresponde a uma certa ideia libertária de Nova Iorque dos tempos dos Democratas no poder" António Pinto Ribeiro

"É divertidíssima, a mulher que todas gostaríamos de ser mas não temos coragem por causa da pressão moral" Clara Ferreira Alves

"Adoro a loucura da Samantha. É a personagem rainha no sentido em que dá o mote às situações mais complicadas - o cancro, as cirurgias, os amantes, o sexo, a forma como vive a personagem"

Bárbara Guimarães

"Posso parecer conservadora: é um pouco libertina para o meu gosto, mas acho-lhe piada - é uma mulherça, do tipo de mulher que onde entra diz cheguei! Está quase caricatural. A troca de pares tão intensa não é para a minha geração"

Celeste Correia

Samantha Jones
Predadora



Charlotte York
Romântica

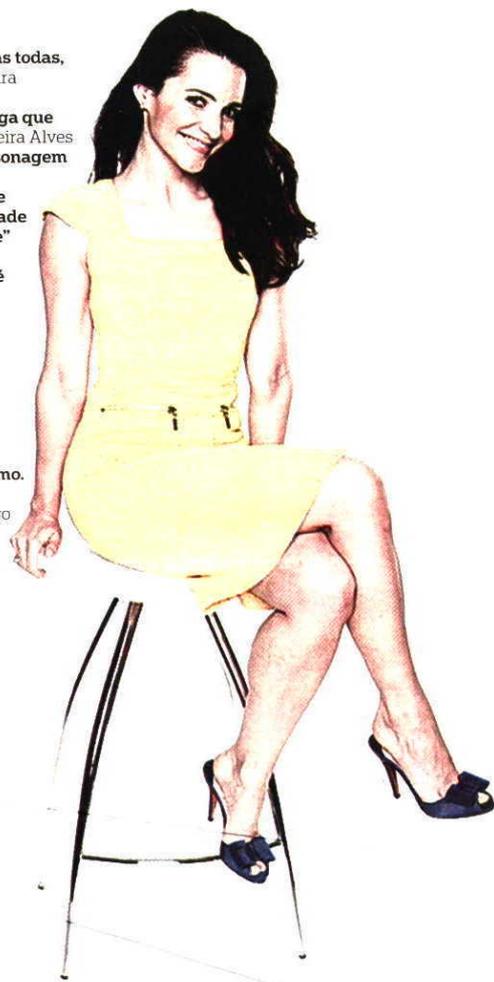
"É a mais chatinha delas todas, a mais 'boring'..." Bárbara Guimarães

"É a princesinha, a amiga que todas temos" Clara Ferreira Alves
"Acho-o doce, uma personagem afectiva, que ainda se rege pelos afectos e que transmite uma fragilidade que chega a ser tocante"

Celeste Correia

"Um bocadinho o cliché dos comerciantes de arte 'upper-class' nova-iorquina, não acho particularmente interessante" António Pinto Ribeiro

"A Charlotte é politicamente mais comprometida, pois converteu-se ao judaísmo. Isso basta para ser a minha favorita" Zé Diogo Quintela



Elas caminham num terreno perigoso. O asfalto nova-iorquino que os saltos mais icônicos da TV da viragem do século pisam é ilusório. O que elas percorrem é sim um século de debate sobre gênero – de Charlotte York a Germaine Greer –, de revolução sexual – de Alfred Kinsey a Kim Cattrall – e de discurso dos media sobre as mulheres. Como as botas de Nancy Sinatra, os saltos delas foram feitos para andar. E é o que farão. Um dia destes, a julgar pela adesão dos espectadores ao filme “Sexo e a Cidade”, esses saltos vão andar sobre vocês.

No fim-de-semana, tirou o título de filme mais visto nos EUA a “Indiana Jones”, com salas cheias por 85 por cento de mulheres na noite de estreia – com copos de “cocktails” Cosmopolitan em riste, como numa “festa fabulosa”, citando a protagonista Carrie Bradshaw (Sarah Jessica Parker).

O filme “Sexo e a Cidade” é, portanto, o culminar de uma febre, de uma inefável moda que não é só para mulheres. É o trilhar de uma olimpíada feminina rumo a...? No início do filme, que assume contornos de um gigantesco episódio promovido a “chick flick”, Carrie narra, com a omnisciência habitual: “As mulheres de 20 anos chegam a Nova Iorque em busca de amor e marcas.”

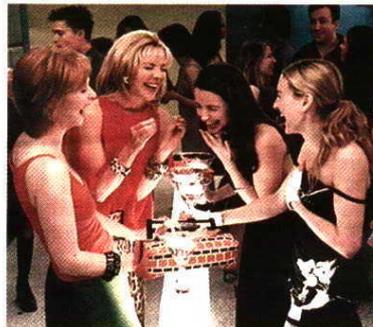
Não terá sido exactamente nisto que Naomi Wolf, a teórica feminista norte-americana, estava a pensar quando classificou a série como “o primeiro épico feminino global”. Wolf escreveu em 2003 no “Sunday Times” que “Sexo e a Cidade” dá a resposta à →

“Na série há dois discursos: um feminino, que parte da amizade entre as mulheres, real e autêntico; e o outro que diz respeito ao estereótipo, à futilidade. É a única coisa de que gosto na série e é o que me faz voltar a ela”

Maria Teresa Horta



A série estreou em 1998: foram seis anos e 94 episódios. Em Agosto de 2000, a revista “Time” fez capa com as quatro trintonas com o título: “Quem precisa de maridos?”



Opinião

Mr Big e Mr Small

“Comecei por olhar para aquilo de esguelha, com o desdém que se tem por “lit chick”, “literatura de gajas” em tradução literal, embora alguma desta literatura tenha a imortalidade e a imoralidade do cânone feminino e tenha, acima de tudo, muita piada. Nos intervalos do zapping ia parando, e um dia vi um episódio inteiro. Por essa altura já a série estava instalada e eu, que tinha chegado atrasada, pude ver os episódios seguidos em DVD sem ter que esperar pela semana seguinte. Era bom demais.

Candace Bushnell, a autora de “Sexo e a Cidade”, a coluna de jornal original, é uma escritora mediana de “lit chick”, esperta sem ser tão brutal ou inteligente ou culta como Erica Jong, a de “Fear of Flying”, um clássico do género, de 1973. Erica Jong, literária e temerária, foi a primeira a destruir o preconceito de que as mulheres não podiam escrever sobre sexo desbravado na primeira pessoa, e ao mesmo tempo ridicularizar os homens. Na literatura de Jong, mr. Big era, quase sempre, mr. Small. Quer dizer, era uma questão de tamanho.

Candace Bushnell era mais cândida do que Jong, e sabia que não podia escrever apenas sobre as amazonas que mediam o tamanho do membro e do ego masculino, e deixar de lado as midinettes, as cinderelas que andam por aí com o sapatinho de cristal na mão a julgar que perderam o príncipe encantado no baile. E o sapatinho nem era de cristal, era mais caro, era de um designer europeu “gay” com um nome exótico, Manolo Blahnik, Jimmy Choo, etc., e custava 500 dólares o par.

Em Nova Iorque, e Nova Iorque é a outra protagonista da série, os anos 80 trouxeram prosperidade e vaidade ao feminismo contemporâneo. O modelo feminista deixou de ser Andrea Dworkin, lésbica, obesa, feia, desleixada, e passou a ser uma Gloria Steinem reciclada, bonita, musculada, com bom emprego, ginásio, independência e cartão de crédito. E, claro, por causa disto, deste investimento na carreira, solteira por volta dos 35 anos. E rodeada de amigos “gay” e de namorados inadequados “que não estão muito afim...”.

Darren Starr, o genial (“gay”) produtor da série, pegou nestes ingredientes e fez o cozinhado final, quatro amigas diferentes umas das outras, que atravessam a cidade que nunca dorme à procura do tempo perdido e da felicidade. Carrie é, como o nome indica, a “carrier”, o veículo de expressão principal, e o motor verbal da acção. Miranda, Samantha e Charlotte ajudam a defini-la e definem-se melhor por si mesmas, porque Carrie, a escritora dos estados de alma e a alma dos estados alheios, define-se mais pelos namorados que tem do que por ela mesma, absorvendo e equilibrando as assimetrias e idiossincrasias das amigas.

Não subestimemos Carrie, ela tem os melhores pares de sapatos e os protótipos dos namorados que todas tivemos. Mr. Big e mr. Small, mr. Nice Guy e mr. Bad Guy. Carrie troca sempre o bom tipo pelo mau tipo, o tipo que gosta dela pelo tipo que a ignora, o bom rapaz pelo mau rapaz. Entre Big e Aidan, Carrie fica com Big, que sopra dinheiro, fumo de charuto e arrogância por todos os poros. O marceneiro nunca teve uma hipótese. E entre Big e aquela personagem desempenhada por Baryshnikov (cujo nome nenhuma mulher sabe porque Baryshnikov obnubila tudo), e que acaba a dar-lhe uma estalada na cara, ela fica com a personagem. Até ser salva pela proposta de casamento de Mr. Big. O casamento é o redentor.

As mulheres são, para as outras mulheres, previsíveis. E Carrie é a mais previsível de todas. As amigas são enoçadas, o que quer dizer que são normais e iguais a todas as mulheres, com excepção da caricatura de Samantha Jones, que devora homens ao pequeno-almoço.

Nenhuma mulher se identifica com ela mas, no fundo, gostaria de experimentar ser como ela. Sam é ficção pura, é a excepção para avalizar a norma. Sam, no mundo real, estava tramada.

Uma invenção destas, tão rentável, também tem de ter um fim, e um fim feliz. Ana Karenina não é para aqui chamada, nem Madame Bovary. Ninguém se mata e todas acabam por casar com o príncipe encantado. Este território feminino é o dos contos de fadas no século XXI. Com muito humor, muita ironia, e a violência dos finais felizes. Se a vida fosse uma série, eu queria que fosse assim, em Nova Iorque, com um computador, uns trapinhos e sapatinhos, umas amigas e um Mr. Big na ponta do aparato.

Se a vida fosse uma série, eu queria que fosse assim

No filme elas estão mais glamourosas do que nunca



Os sapatos Manolo Blahnik, um “fétiche” de Carrie, são uma ironia a Cinderela



”



← pergunta formulada por Virginia Woolf no ensaio “Um Quarto que Seja Seu”: “O que farão as mulheres quando forem livres?”

A ensaísta americana Catherine Orenstein devolve a pergunta. “Quando é que a moda de alta-costura e os homens pronto-a-vestir se tornaram os elementos restantes da independência feminina?” E Maria Teresa Horta, jornalista e feminista portuguesa, socorre-se de D.H. Lawrence e de “O Amante de Lady Chatterley” para evocar uma narrativa falocêntrica que também encontra em “Sexo e a Cidade”.

Feminismo Fendi

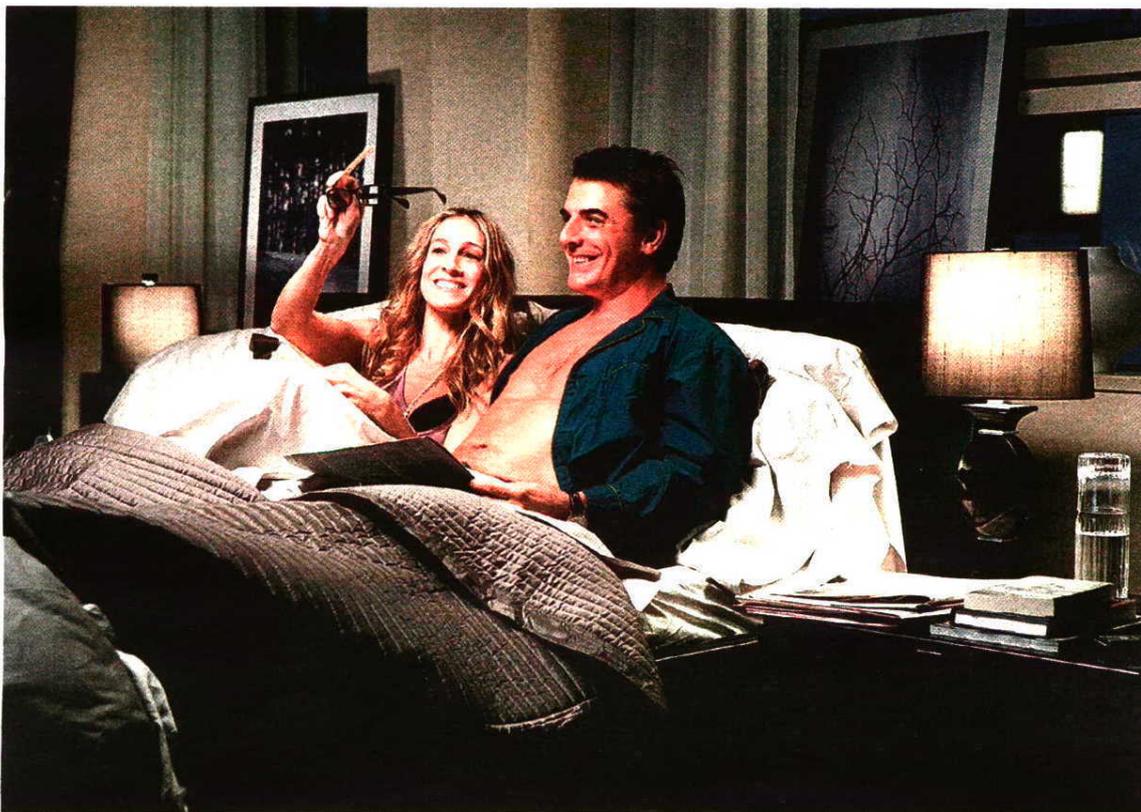
É, portanto, um terreno movediço o de “Sexo e a Cidade”. Por um lado, é a representação de quatro orgulhosas solteiras, independentes, sexualmente libertas que existem num mundo impossível sem as conquistas em construção do feminismo dos século XX (leia-se defesa da igualdade entre homens e mulheres – do sufrágio à revolução sexual, dos direitos laborais à denúncia dos mitos da beleza). Por outro, é uma fábula que terminou em encontros certos com o amor, após um ordálio de namoros e pressões sub-reptícias para casar depois dos 30.

Como recheio, desfilam vertiginosos sapatos, impossíveis guarda-rou-

Ao longo de seis temporadas, os média, dos sites feministas às revistas de economia, escrutinaram este produto e estas mulheres. “A série suporta o fardo da representação”, frisa Kim Akass. “Ninguém acusa ‘Os Sopranos’ de não serem exactamente como a Máfia. É uma duplicidade de critérios que se aplica à ficção feminina e masculina”



Carrie e Big, na série e no filme: ele passa a vida a aparecer e a desaparecer ao longo das seis temporadas. E no filme também...



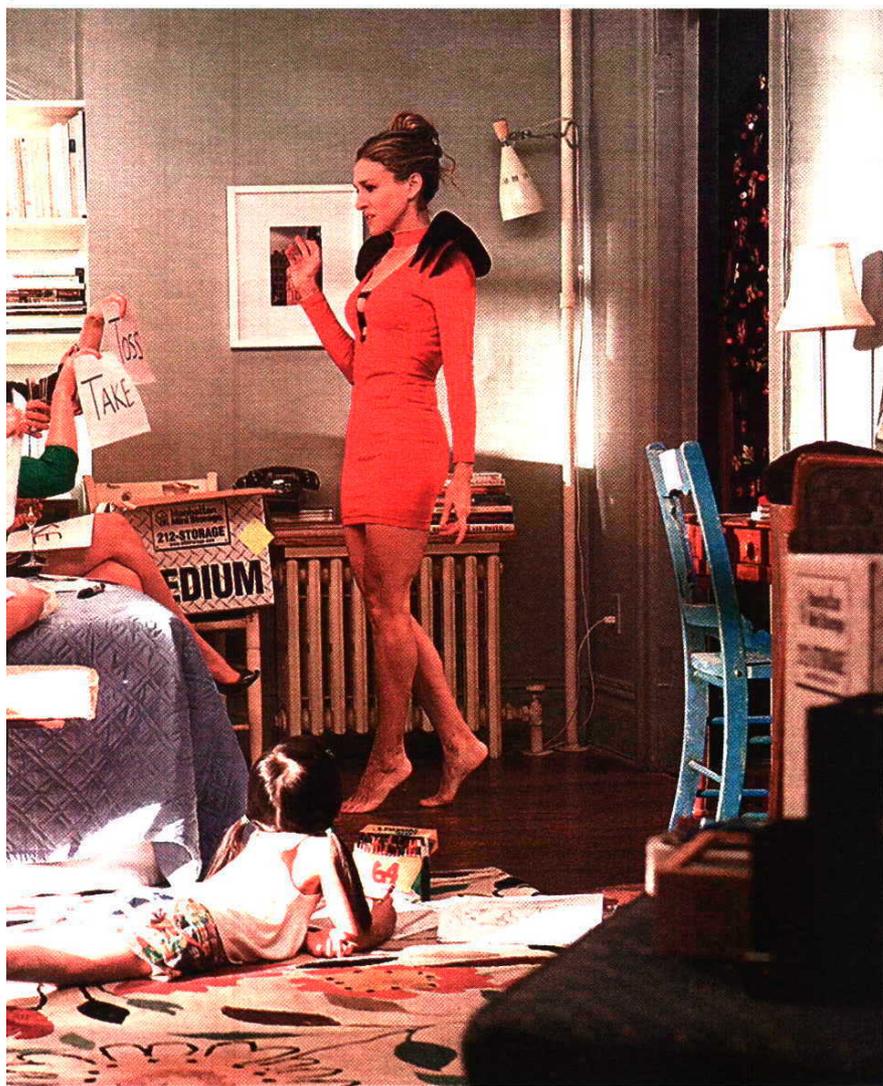
pas, um estilo de vida envernizado e pouco estalado (problemas financeiros, profissionais, doenças) que desencadeou uma chuva de visitas guiadas e manuais para o conseguir emular, além dos omnipresentes testes “Que mulher do ‘Sexo e a Cidade’ é você?” Já lhe chamaram Feminismo Fendi.

Uma gigantesca comédia romântica, ao longo de seis anos e 94 episódios, que agora tem uma cereja de 2h20m para colocar no topo do bolo. De casamento?

No filme, a personagem principal prepara as núpcias com Mr. Big, pseudónimo fálico para John J. Preston (Chris Noth). Ideia tradicional que parece contrariar o “vento libertário” que inicialmente Maria Teresa Horta pensou ver na série, mas que apenas confirma o que a desiludiu à partida. “Sob essa capa, essa superficialidade de liberdade sexual das mulheres, continua a cumprir os estereótipos que os homens nos impuseram.”

O amor não é a questão. Candace Bushnell, cujas crónicas no “New York Observer” compiladas em livro originaram um livro e a série, é a primeira a dizer que a defesa da igualdade e a pulsão natural para o amor não são contraditórios. Mas não pode ser o único fim da vida de uma personagem feminina.

O produto cultural “Sexo e a Cidade” “é uma simulação de um sonho”, descreve Ana Cristina Santos, investigadora de questões de género do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É um sonho americano em cuja agenda está, pela primeira vez, sob os efeitos da globa-



Opinião

Miguel Gaspar

Conversa de gajas?

O essencial em "Sexo e a Cidade": sendo uma história de gajas, é também absolutamente universal.

“Desculpem lá meter-me nesta conversa de gajas, mas há um momento nas conversas sobre “Sexo e a Cidade” em que um tipo fica sem saber se os homens deviam alguma vez ter perdido o seu tempo com as vidas de Miranda, Carrie, Samantha e Charlotte. Na estreia do filme nos Estados Unidos, 85 por cento dos espectadores eram mulheres. Quem seguiu a série da HBO reduzido à compaixão com os homens que acabam como temas de conversa à sobremesa naqueles fabulosos jantares a quatro sente-se um pouco minoritário. Sou além do mais um espectador absolutamente incompetente desta série: foi preciso fazerem-me um desenho para eu entender que havia uma personagem principal - e que não era a Miranda.

E porém... Há mais sob aquele céu de Manhattan da mais extraordinária comédia romântica da história da televisão do que sapatos, roupa, fantasias e desilusões. “Americana?”, perguntam a Carrie em Paris, no último episódio. “Nova-iorquina”, responde ela. O glamour é um cenário. Nova Iorque é mais do que isso. Livres, complexas e cercadas por cores, as suas histórias são leves e cheias de ângulos escondidos, como um tema de jazz do tempo das capas a preto-e-branco.

Os detractores criticam personagens fúteis, vazias, materialistas e fora do mundo real. Mas as palavras-chave para definir Carrie, Samantha, Charlotte e Miranda são a emancipação, a liberdade e a independência. Oops! Isso não é demasiado feminista para quem

veste Gucci? É o coração do problema: as pessoas que vivem no lado brilhante da vida podem não ser alienadas?

Com as suas ansiedades, frustrações e futilidades, no imaginário masculino elas transformam-se em personagens de um mundo ideal - são como todas as mulheres deveriam ser. Porquê? Se para as 85 por cento de espectadoras a série gera uma identificação e dá forma a uma maneira de viver moderna e cosmopolita,

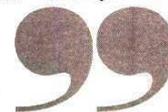
Os detractores criticam personagens fúteis. Mas as palavras-chave para definir Carrie, Samantha, Charlotte e Miranda são liberdade, independência

a minoria masculina tem aqui uma porta aberta (eventualmente ilusória) para o lado de lá do universo feminino ao qual nunca terá acesso.

Uma transparência quase física que decorre da qualidade excepcional da série criada por Darren Star. A leveza da comédia transporta-nos para um universo de diálogos e de situações extraordinárias na sua absoluta trivialidade. Não há profundidade que ultrapasse o que pode ser desejado no momento. O erotismo e a cruza sexual instalam-se no centro da narrativa - sendo que o sexo de “Sexo e a Cidade” tem a ver mais com falar sobre sexo do que mostrar cenas de sexo.

O universo restrito da televisão por cabo e a abertura estética que a HBO tornou possível foram essenciais para uma série tão revolucionária e moderna, em que as mulheres dominam toda a acção na qual os valores da família ficaram de fora - pelo menos quase até às últimas temporadas - e os homens foram basicamente reduzidos a adereços. A amizade, a liberdade e a lealdade são a chave para abrir um universo de relações humanas complexas, iludindo também aqui um estereótipo sobre as mulheres. É essa a chave que faz a diferença. E é o factor que separa “Sexo e a Cidade” de “Donas de Casa Desesperadas”, que tentou replicar os traços da série da HBO - glamour, mulheres glamourosas, sexo e conversas

sobre sexo - no contexto doméstico da vida dos subúrbios. Mas sem essa liberdade e a leveza de não pertencer a ninguém das quatro personagens nova-iorquinas, passamos de um discurso sobre a independência das mulheres ao seu contrário. O contraste entre as duas séries é um bom revelador para compreender o que é essencial em “Sexo e a Cidade” - a sua capacidade para, sendo uma história de gajas, ser também absolutamente universal.



lização, o desejo feminino. Um simulacro que “brinca com a ideia do ‘felicidade para sempre’”, confirma Kim Akass, docente de cinema e TV da Manchester Metropolitan University e co-autora do livro “Reading Sex and the City”. Mas que “continuamente problematiza a ideia de que as mulheres sempre foram forçadas a acreditar nos contos de fadas. Dizer que apoia estes estereótipos é demasiado simples”.

Candace Bushnell não hesita em dizer a Naomi Wolf que as personagens “são obviamente feministas. Mesmo Charlotte (Kristin Davis)”, a episcopaliana cujo maior bem é o amor matrimonial e que deixa de trabalhar para se dedicar ao casamento. “Charlotte diz que escolhe a sua escolha, e isso é (feminismo de) 3ª vaga”, postula Akass.

O peso da representação

Ao longo de seis temporadas, os média, dos sites feministas às revistas de economia, escrutinaram este produto e estas mulheres. “A série suporta o fardo da representação”, frisa Kim Akass. “Ninguém acusa ‘Os Sopranos’ de não serem exactamente como a Máfia. É uma duplicidade de critérios que se aplica à ficção feminina e masculina”.

Ana Cristina Santos foi atraída por “Sexo e a Cidade” por reconhecer um “discurso muito alternativo face ao que se fazia na altura, sobretudo ao conceder agência e voz às mulheres para exporem a sua vida sexual de forma crua, sem estarem necessariamente associadas a uma relação, e na

primeira pessoa.” E esse discurso pôde democratizar-se, entrar no senso comum.

Meses antes, chegara “Ally McBeal”, a advogada capa da “Time” pela sua obsessão, muito pouco emancipada, por a busca do macho alfa. A mesma “Time”, um ano depois, emolduraria um retrato de quatro trintonas com um título bem mais libertador: “Quem precisa de maridos?” Era a série que ia tornar possível, por motivos distintos, “Coupling”, “A Letra L”, “Big Love” e até “Californication” ou “Donas de Casa Desesperadas”.

“É a primeira série americana que retrata as mulheres como seres sexuais e faladores”, reitera Kim Akass. Era como “uma Terra do Nunca para as mulheres, era sobre não crescer, não ser responsável. Muitas das espectadoras contentavam-se com um lar, uma segurança, com ter um homem. Mas Carrie e companhia não se contentam. Elas avançam, porque a revolução sexual significa que as mulheres têm o direito de seleccionar”, escreve Naomi Wolf.

Aqui, as mulheres fazem “um certo controlo de qualidade em termos do parceiro sexual que têm”, ri-se Ana Cristina Santos, quando o Ipsilon lhe pergunta porque terá o editor da revista masculina britânica “Esquire” taxado, no “Observer”, que “os homens tinham medo do ‘Sexo e a Cidade”.

A romântica analítica, a profissional e mãe contrariada, a moça casadoira e a predadora sexual não são os tipos definitivos, tal como os homens não são decalques dos apresentados num

dos primeiros episódios, auto-explicitamente titulado “The Freak Show” (e que cheira a vingança sócio-cultural após anos de rótulos colados às mulheres). Nem todos são meninos da mamã, nem todos são “modelizos tóxicos”, nem todos são “modelizers” - os que, segundo o cânone “Sexo e a Cidade”, só saem com modelos. E também há poucos homens “spongeworthy” no mundo de Elaine Benes de “Seinfeld” - as esponjas contraceptivas que rareavam no mercado obrigavam a avaliar quem era merecedor do gasto. O que serve também para constatar que “Sexo e a Cidade” não foi a primeira série a pôr na boca das mulheres a iniciativa, o discurso franco e o sexo visto, revisto e comentado. Mas foi a primeira a centrar-se nisso a tempo inteiro.

“Donas de Casa Desesperadas” tentou replicar os traços da série





← Foi “a primeira vez que nos decidimos realmente a fazer uma série em que pensámos: ‘Ok, vamos dirigir-nos às subscritoras femininas’”, disse Chris Albrecht, presidente da produção original da HBO, canal que produziu e exibiu a série. E que marcou a diferença com ela (e com “Os Sopranos”) num panorama televisivo pouco transgressor, antes de haver sexo no “Big Brother” ou de a pornografia ter entrado no “mainstream” com livros que ensinam a fazer amor como uma estrela porno.

“Straight White Sex”

Mas, no meio de tanta inovação, há também lacunas. É certo que há personagens gay, que houve casos lésbicos, que Samantha (Kim Cattrall) até teve um “ménage à trois” com dois homossexuais. Mas a série perde abrangência em termos de discurso mediático por retratar (apenas) quatro mulheres heterossexuais, brancas e com um estatuto sócio-económico confortável. O antropólogo Miguel Vale de Almeida acha que ali se lida mal com a homossexualidade (feminina, diz ele, com a masculina, opina Maria Teresa Horta e Ana Cristina Santos). “Se há questão de política sexual nos EUA é justamente a dos cruzamentos com a ‘raça’ e a ‘orientação sexual’”. E se há questão escondida é a da desigualdade de classe. O nome mais apropriado para esta série seria “Straight White Sex in New York City”.

Sobre o fenómeno já se escreveu que é o sonho de um “marketeer” (a

Era como “uma Terra do Nunca para as mulheres, era sobre não crescer, não ser responsável. Muitas das espectadoras contentavam-se com um lar. Mas Carrie e companhia não se contentam. Elas avançam, porque a revolução sexual significa que as mulheres têm o direito de seleccionar”, escreveu Naomi Wolf

concentração de marcas no filme é um exemplo disso) ou que é “uma série sobre sapatos”. Pode ser. Se os sapatos, tal como o inesgotável guarda-roupa de Carrie Bradshaw, forem vistos como uma metáfora (da sua abertura às experiências) ou um ponto de partida. Como num episódio da última temporada (2004), em que uma amiga com filhos julga Carrie pelos seus gastos com sapatos. Os guionistas mostram o reverso da medalha, questionando por que é que as prioridades de solteira devem ser menosprezadas face às de uma mãe/casada.

Exemplo invocado por um dos membros do Colectivo Feminista, para logo outro elemento do mesmo grupo português lamentar que o debate sobre a sexualidade das mulheres “aconteça por meio de uma representação de fertilidade e consumismo”.

Está tudo ali, diz Maria Teresa Horta. “A obcecação com a moda, com a magreza, a beleza estereotipada... e a superficialidade. A vida da mulher (de ‘Sexo e a Cidade’) é esvaziada de conteúdo social. Não têm uma causa, um sonho, uma utopia, uma finalidade que não seja encontrar um homem. A jornalista tem não sei quantos sapatos em casa, o que me faz lembrar Imelda Marcos...”

Não se espere que no filme se espelhe a luta Obama/Hillary, a pobreza ou a desigualdade. É uma comédia romântica, mas com uma diferença. “Na verdade, fazer um filme com quatro mulheres com mais de 40 anos

como protagonistas não é uma das formas preferidas de gastar dinheiro em Hollywood”, lembrou Sarah Jessica Parker. Esta indústria não é para velhas.

Falando em acessórios, olhando para seis anos de série, são os homens que parecem superfluos. Eternos são os pequenos-almoços das amigas, os diálogos bem escritos e creíveis, até para os críticos acérrimos, entre mulheres. “Na série há dois discursos: um feminino, que parte da amizade entre as mulheres, real e autêntico; e o outro que diz respeito ao estereótipo, à futilidade. É a única coisa de que gosto na série e é o que me faz voltar a ela”, ressalva Horta.

A irmandade é, afinal, o cerne desta narrativa. “Cada vez mais se entende a família como conceito alargado. Os nossos amigos e amigas são uma família de escolha, não herdada”, acrescenta Ana Cristina Santos. E é tanto pela amizade quanto pelo humor bem escrito que as restantes mensagens passam tão fluidamente.

Se dúvidas restarem sobre a instabilidade do caminho trilhado pelas personagens de uma simples comédia romântica, pense-se nas linhas que já se escreveram sobre os seus prós e contras. E use-se a questão colocada pela escritora Lynn Harris, lembrando “Chefe Mas Pouco”, em que um homem-a-dias fazia a lida da casa de uma mulher trabalhadora: “Alguém perguntou ao Tony Danza se a série era boa para os homens?”

Ver crítica de filmes pág. 58 e segs.



O vestido de Carrie é assinado por Vivienne Westwood

***Estes saltos
foram feitos para andar***
Sexo e a Cidade, o filme

